

Cada um por si ou um por todos, eis a questão

Langoni sugere frente de presidenciáveis, que Sarmento considera inviável

Michel Filho/11-06-99

Cláudia Lamego

• O diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, Carlos Langoni, diz acreditar que o país vive uma crise de governabilidade causada pelo temor do mercado em relação à capacidade do próximo governo de contar com o apoio do Congresso para contornar problemas financeiros e políticos. E diz que o governo, o Congresso, os partidos e os candidatos à Presidência deveriam se unir para discutir medidas que ajudassem a conter as ondas de especulação do mercado.

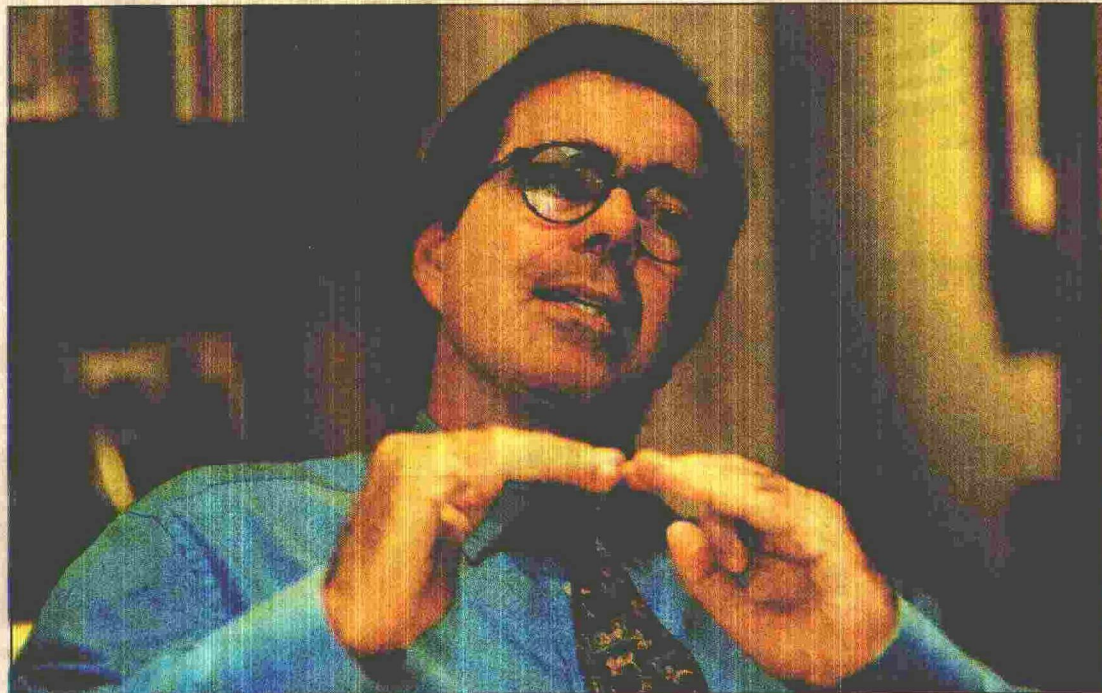
— Essa negociação aconteceria depois da eleição do presidente, mas o anúncio agora serviria para acalmar o mercado — afirma.

Já Carlos Eduardo Sarmento, pesquisador de história política contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, diz que esse tipo de acordo seria inviável:

— O atual governo tem um candidato e estrategicamente tem que atrelar suas políticas com as desse candidato. Por outro lado, nenhum candidato oposicionista vai querer ser pautado pela equipe econômica do governo.

Para Sarmento, a vulnerabilidade econômica do Brasil faz com que o país seja dependente do receituário dos organismos financeiros internacionais, como o FMI. Da responsabilidade fiscal e da necessidade de honrar os compromissos financeiros nem o PT poderá fugir, diz. Para ele, termos como soberania nacional estão em desuso:

— O Brasil tem uma dívida interna e externa muito grandes e depende do



CARLOS LANGONI: sugestão de medidas para aplacar a onda de especulação no mercado financeiro

apoio e do dinheiro do FMI. A forma como a Argentina está sendo tratada é uma lição. Então é um exagero dizer que a eleição de Lula vai desestabilizar a economia, porque o próprio PT reconhece que não há tolerância para irresponsabilidade com os recursos.

Langoni diz que uma medida que ajudaria a aplacar a especulação seria o apoio do Congresso à lei que dá autonomia ao Banco Central, com a nomeação de uma diretoria que trabalharia com mandato fixo.

— Três ou quatro diretores já poderiam ser indicados pelo próximo governo e o Armínio Fraga poderia continuar.

Para Sarmento, essa questão não deveria ser discutida em tempo de eleição como medida para acalmar o mercado:

— Manter o Armínio seria puro gesto de marketing. O PT tem que apresentar nomes que não sejam do partido, mas que concordem com suas diretrizes.

Não é o caso do presidente do BC.

De acordo com o pesquisador, qualquer governo que venha a assumir em 2003 terá dificuldade de renegociar a dívida pública, que ultrapassa 50% do PIB, por causa do encurtamento dos prazos de negociação:

— O mercado pode estar interpretando esses sinais, que são consequência da política econômica do PSDB.

Para Langoni, a situação econômica é uma realidade herdada há muito tempo.

— Não adianta ficar procurando culpados. O momento é de tentar contornar a crise de governabilidade transitória para que a bomba a que se referiu Lula não exploda ainda neste governo.

Sarmento não acredita nessa possibilidade:

— De 97 para 98, na época da maxidesvalorização do real, a situação econômica era bem pior. Por isso acho difícil a crise estourar antes do fim do atual governo.